

# A ARQUEOLOGIA NA UNICAMP E A REVISTA DE ARQUEOLOGIA PÚBLICA: TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS

Laboratório de Arqueologia Pública da Universidade Estadual de Campinas resulta de longa trajetória de engajamento da Universidade com a Arqueologia, em uma perspectiva científica fundada na excelência acadêmica, na inserção internacional e no engajamento social. A Unicamp surgiu em meio a um regime de força, inspirado no MIT e voltada para os saberes técnicos que pudessem transcender os questionamentos políticos que advinham das universidades de referência à época e cujos quadros foram golpeados de forma mais dura: a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal do Rio de Janeiro. A Universidade Estadual de Campinas, fundada em 1966, no entanto, logo teve no desafio de produzir ciência de relevância internacional não um obstáculo, mas um meio de contrapor-se às exações políticas que grassavam alhures na academia, ao acolher cientistas notáveis perseguidos tanto no Brasil, como em outros países latino-americanos sob o jugo ditatorial. Em pouco tempo, a Unicamp despontava não apenas no âmbito científico, *stricto sensu*, como na originalidade de adotar perspectivas transdisciplinares, na busca por inserção mundial, na ênfase em ciência aplicada e políticas públicas e na atuação voltada para a sociedade, em sua diversidade.

Tudo isto se refletiu no surgimento precoce do interesse da Universidade por uma Arqueologia relevante para a sociedade. Enquanto práticas e abordagens reacionárias e conservadoras eram predominantes e espíritos críticos eram silenciados, como no caso notável do fundador da USP e pioneiro da Arqueologia humanista Paulo Duarte (1899 – 1984), expulso da Universidade de São Paulo, em 1969, a Unicamp abria-se para práticas e abordagens libertárias. Acolheu o acervo de Paulo Duarte e trouxe a Professora Niède Guidon, a quem Duarte havia aberto as portas para aprender com os arqueólogos pré-historiadores mais renomados e amantes da liberdade, para atuar no Núcleo de Pesquisas Arqueológicas – Nipar (1986 – 1991). Aberta essa seara, a Ar-

queologia na Unicamp desenvolveu-se nos aspectos constitutivos tanto da Universidade, como da disciplina, em termos mundiais: em interação com a ciência mundial, em perspectiva transdisciplinar, engajada com a sociedade e em luta pela liberdade e pelo respeito à diversidade.

Pesquisas arqueológicas de variado gênero foram levadas a cabo, diversas delas de expressão social, acadêmica e de repercussão internacional. O Laboratório de Arqueologia Pública e a Revista Arqueologia Pública, surgidos em 2006, resultam de um esforço continuado e de parcerias com estudiosos e instituições no Brasil e no estrangeiro, como destaque para o World Archaeological Congress. Desde seu primeiro número, os editores à época Pedro Paulo A. Funari e Erika Robrahn-González enfatizavam que “do nosso ponto de vista – e esta revista serve a este propósito – a ciência não deve alhear-se da sociedade, sob o manto diáfano do empirismo”.

Este décimo número mostra bem todas essas características. A partir desta edição, o conselho editorial da revista amplia-se, com a participação adicional de estudiosos notáveis no campo da Arqueologia engajada em temas sociais e políticos, todos eles com larga trajetória de cooperação com a equipe de Arqueologia da Unicamp. Em seguida, e no mesmo sentido, tendo em vista o aprofundamento da inserção internacional da revista e sua busca por abordagens referenciais, a publicação passa a contar com dossiês temáticos. Com isto, será possível congregiar artigos sobre aspectos de alta relevância social e política, no âmbito da Arqueologia, de modo a servirem para uma abordagem integrada. Neste volume, a doutora Rita Juliana Soares Poloni, pós-doutoranda no Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP – líder de Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq e sediado na Unicamp (Arqueologia da Repressão e da Resistência) organiza dossiê sobre o estudo arqueológico em contextos políticos autoritários e ditatoriais e de transição democrática. O tema adquiriu contornos mais definidos na disciplina no início deste século, como atesta a publicação de volume com apoio da Secretaria de Direitos Humanos da República Argentina, *Arqueología de la represión y la resistencia en América Latina 1960-1980* (Catamarca: Universidad Nacional de Catamarca, 2006), organizado por Pedro Paulo A. Funari e Andrés Zarankin, em seguida publicado no Brasil, em português, com apoio da FAPESP (2008) e em inglês, em 2009 (*Memories from Darkness*, Nova Iorque, Springer). O dossiê demonstra o florescimento desse campo e conta com a participação de diversos estudiosos que se têm dedicado a tais questões. Artigos sobre outros temas e uma entrevista com Andrés Zarankin, estudioso da Arqueologia da Repressão e da Resistência, tema do dossiê, completam o décimo volume.

Pedro Paulo A. Funari  
Editor-Responsável